

# A AUTÊNTICA IMAGO HOMINIS NO LIMIAR ENTRE A FILOSOFIA E A PSICOLOGIA

## AUTHENTIC IMAGO HOMINIS ON THE THRESHOLD BETWEEN PHILOSOPHY AND PSYCHOLOGY

Thiago Pereira Domingos

**Resumo.** O respectivo artigo tem o intuito de situar a autêntica imago hominis dentro de um limiar fronteiroço entre a filosofia e a psicologia, a partir da Logoterapia e Análise Existencial. Após séculos nos quais se negligenciou a dimensão noética do ser humano no âmbito da psicologia e demais áreas da ciência, Viktor E. Frankl e sua antropologia filosófica vêm para devolver ao ser humano aquilo que havia perdido pelo mecanicismo cartesiano e pelos materialismos históricos. Jamais esteve tão atual a afirmação de Píndaro: “torna-te quem tu és”. E, é neste sentido que o ser humano é impelido a reencontrar a sua autenticidade no existir. Deparar-se com sua verdadeira imagem é mais do que acessório irrelevante, é fundamental.

**Palavras-chave:** psicologia; autenticidade; logoterapia; filosofia; ser humano.

**Abstract.** The respective article is intended to place the authentic imago hominis within a boundary threshold between philosophy and psychology from the Logotherapy and Existential Analysis. After centuries in which it neglected the noetic dimension of human beings in the context of psychology and other areas of science, Viktor E. Frankl and his philosophical anthropology come to return to the human being that which was lost by the cartesian mechanism and by historical materialism. Never been so present the statement Pindar: "become who you are." And it's in this sense that the human being is impelled to rediscover its authenticity in there. Faced with a true picture is more than inconsequential accessory, is fundamental.

**Keywords:** psychology; authenticity; logotherapy; philosophy; human being.

**T**alvez a afirmação de que o medo do escuro por parte de uma criança pode facilmente ser perdoado; mas a real tragédia da vida é quando os homens têm medo da luz (cf. Platão, República, VII, 514a-517c), dada por Platão há alguns séculos atrás nunca tivesse sido tão atual. Vivemos num mundo onde, cada vez mais, o ser humano foge de si mesmo com receio de que sua imagem – da qual, muitas vezes não se orgulha – venha à tona através da luz, que é a verdade. Entretanto, só conheceremos a imagem do homem, quando este fizer o esforço vital de sair da caverna na qual permanece à mercê de projeções irreais e vir para a luz da qual ninguém pode esconder um fio de cabelo sequer.

Mas, antes de nos perguntarmos: qual é a imagem deste ser humano finito e limitado em suas condições naturais? Perguntar-nos-emos: onde está o ser humano?

Bom, esta pergunta não é inédita, apesar de ser fundamental. Cada setor do conhecimento humano poderia dar uma resposta mais convincente que a outra. O grande físico, Isaac Newton, por exemplo, poderia dizer, no âmbito científico, que: o homem habita um Universo regido por leis fundamentais de movimento no espaço-tempo (cf. Newton, 1979, p. 62-63). Mahatma Gandhi, numa instância mais moral, provavelmente diria: o ser humano pode estar em apenas um lugar: ou no caminho certo ou no errado, mas nunca nestas duas áreas ao mesmo tempo, já que é um todo indivisível. Mas, afora respostas isoladas aqui e acolá, podemos identificar três concepções bem distintas acerca

da posição que o ser humano ocupa no Universo.

O “criacionismo” é a primeira delas. De herança judaico-cristã, tal pensamento afirma que Deus criou Adão e Eva a fim de que habitassem a Terra e vivessem num estado teológico de participação na vida sobrenatural. Sendo assim, o ser humano seria enquadrado numa categoria superior à das demais espécies de animais, devido à sua abertura para o transcendente. Somente neste sentido pode o homem dominar a criação, tendo consciência de ser uma pessoa espiritual por essência e configurado à imagem de seu Criador (cf. Bíblia de Jerusalém, 2002, Gn 1,26. p. 34).

A segunda concepção tradicional nos remete ao pensamento filosófico da antiguidade clássica. Não nos referimos aqui ao pensamento mitológico, no qual cinco espécies de seres humanos teriam surgido ao longo do tempo, a partir da relação entre *hybris* e *diké*, conforme descreve o poema das Cinco Idades de Hesíodo (cf. Hesíodo, 1996). Remetemo-nos à concepção aristotélica e platônico-socrática de que o ser humano, dotado de *logos*, *phronêsis*, se eleva acima dos demais pela sua capacidade racional (cf. Aristóteles, Ética a Nicômaco, 1114a), sendo o único ser existente capaz do mundo. Assim, somente o ser humano é consciente de que habita o cosmos.

E, finalmente, a terceira e mais recente concepção, aquela de caráter científico: o ser humano – assim como o Universo – é fruto de um processo evolutivo que teve origem no *Bing-Bang* e, desde então, desenvolveu-se numa cadeia de combinações genéticas cada vez mais

complexas (cf. Hawking, 2015, p. 68-73). O ser humano, portanto, fruto de uma lógica universal, deve sua existência ao acaso e às leis que regem o mundo físico. Dentro desta dinâmica, situa-se num Universo que, constantemente, apela à sua capacidade de sobrevivência<sup>1</sup>.

A ideia é que em qualquer população de organismos capazes de se reproduzir haverá variações no material genético e na criação de novos indivíduos. Essas diferenças significarão que uns indivíduos serão mais capazes do que outros de tirar conclusões corretas sobre o mundo à sua volta e agir de forma apropriada (Hawking, 2015, p. 24).

O ser humano segundo cada uma destas três concepções se apresenta de uma forma dialeticamente diferente. Um ser humano teológico, outro filosófico e outro biológico. Bom, não é à toa que estas três concepções são denominadas como tradicionais. A isto talvez devêssemos o fato de que todas elas expressam algum aspecto de verdade acerca do lugar que o homem ocupa no Universo e de sua verdadeira imagem. Por isso, desde já, consideremos a possibilidade de que o ser humano não seja um eixo de unidade, nem sequer um amontoado de multiplicidade, mas que talvez se encontre naquilo que Santo Tomás de Aquino definia como *unitas multiplex*, isto é, unidade na multiplicidade (cf. Frankl, 2003, p. 3). Acerca disso, procuraremos esquematizar uma defesa,

de acordo com a visão logoterapêutica de homem. Para isso, o nosso ponto de partida, está na afirmação de que o ser humano, em sua *unitas multiplex*, é um ser bio-psico-espiritual<sup>2</sup>.

Por ora parece que as perguntas: “qual é a imagem do homem?” e, “qual o seu lugar no cosmos?” se confundem. Isto talvez se deva ao fato de que só podemos enxergar o ser do homem quando lhe atribuímos a verdade de que é um “ser lançado na existência”, isto é, como um *dasein* (ser-aí) (cf. Heidegger, 1999). O ser humano, segundo a visão heideggeriana, não está apartado do mundo, o homem existe e só se constitui como ser quando responde ao mundo no qual está inserido. O homem é plenamente homem quando lançado no mundo. Sobre isso afirma o próprio Martin Heidegger:

Afinal de contas, o ser-aí não apenas tem, de certo modo, uma ligação com o mundo também articulada consigo mesmo; ao contrário, a ligação com o mundo é um traço essencial do ser-aí mesmo e, por que não dizer, é a sua constituição essencial marcante. Ser-aí não significa nada senão ser-no-mundo (Heidegger, 2008, p. 324).

Também Max Scheler gastou boa parte de sua vida e trabalho para situar qual é o lugar do homem no cosmos (cf. Scheler, 2003). E, de fato, por mais que a complexidade das perguntas e dos perguntadores mudem, a resposta será uma única apenas: o ser humano ocupa uma posição central no Universo, lugar de sua realização

<sup>1</sup> Conforme o modelo darwinista da seleção natural.

<sup>2</sup> Paralelamente às tradicionais concepções biológico-científicas, filosófica e teológica, acerca do homem, como apresentadas a pouco.

metafísica e das batalhas mais dignas de louvor. O Universo só pode ser entregue como dom nas mãos daquele ser que tem a consciência de possui-lo e usufruir do mesmo de uma maneira livre e responsável, já que sabe qual é o seu lugar dentro da imensa amplitude cósmica (cf. Pascal, apud Jonas, 2004. p. 235).

## PSICOTERAPIA EM BUSCA DE UMA AUTÊNTICA VISÃO DO SER HUMANO

Certa vez o polêmico filósofo inglês G. K. Chesterton analisou a situação moral da escolas públicas da Inglaterra de sua época. Constatou que as crianças eram educadas segundo as mais finas normas de etiqueta. Inclusive, algumas vezes eram até ensinadas a não mentir. Mas, percebeu também que, diante de realidades injustas e injuriosas, estas crianças se calavam. Assumindo para si uma eterna postura de omissão, a fim de não comprometerem suas imagens “bom-mocistas”. Mas, onde está o problema disso? Chesterton, na ocasião, respondeu:

Nunca se ensina o estudante inglês a dizer a verdade, pela simples razão de que nunca se lhe ensina a desejar a verdade. Desde o princípio, ele é ensinado a não dar a menor importância a se um fato é um fato; ensinam-lhe apenas a cuidar se o fato pode ser usado “a seu favor” enquanto estiver empenhado “jogando o jogo”

(Chesterton, 2013. p. 179).

Será que, de fato, os primeiros pensadores da chamada psicologia moderna não eram capazes ainda de ter uma visão “humanizada” do ser humano ou será que a formação científica que tiveram não estava orientada para o valor da verdade, senão para outros “pseudo-valores”?

Não temos a pretensão de responder a esta pergunta neste artigo, mas apenas lançar um questionamento no ar, a fim de que este seja vislumbrado como algo a nos recordar que só se reconhece a imagem real, integral e verdadeira do ser humano quando a verdade se transforma num imperativo categórico para a busca intelectual do pensador.

Desde que o ser humano é no mundo as indagações típicas acerca de sua existência permeiam seu universo. Quem sou eu? Com quem estou? Onde estou? Para onde vou? Se estas perguntas são fundamentais para a psicologia e para a filosofia, está mais do que óbvio que ambas devem andar juntas, a fim de darem uma resposta completa aos conflitos humanos – que vão muito além da psyché, quebrando o ciclo fechado do psicodinamismo.

Viktor Emil Frankl<sup>3</sup>, através da Logoterapia e Análise Existencial, posiciona-se de maneira a opor-se a concepções reducionistas e psicologistas do ser humano, isto é, leva em consideração a dimensão noética do homem e,

<sup>3</sup> Viktor E. Frankl (1905-1997) foi professor de Neurologia e de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Viena, e também professor visitante da universidade de Havard, Pitsburg, San Diego e Dallas. Doutor em Medicina e Filosofia, era membro da Academia Austríaca de Ciências e Doutor honoris causa por dezoito universidades do mundo inteiro, entre as quais se inclui a Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Recebeu também o prêmio Oskar Pfister, conferido pela American Psychiatric Association (FRANKL, 2003).

por isso, açambarca o saber filosófico como auxílio terapêutico ao homem que sofre e se questiona acerca do sentido de sua vida.

Como aporte para este novo modo psicoterapêutico que leva em consideração a dimensão noogênica do ser humano, Frankl nos apresenta três conceitos fundamentais, a saber: liberdade da vontade, vontade de sentido e sentido da vida.

### O TRIPÉ FUNDAMENTAL DA LOGOTERAPIA

Quando enveredamos pela via das ciências empíricas e analisamos os objetos percebemos que, fisicamente, o cosmos é regido por uma lei de causa-efeito, isto é, para toda ação existe uma reação. Portanto, se soltarmos de nossas mãos um objeto há alguns centímetros ou metros do chão ele cairá, isto porque o planeta Terra possui uma lei natural chamada “gravidade”, na qual os corpos maiores atraem os menores. Se aproximarmos dois polos imantados de mesma polaridade num determinado campo magnético eles se repelirão, isto graças à Lei de Coulomb. Sigmund Freud, com sua teoria acerca do trauma, afirmava que, quando determinado indivíduo era submetido a uma situação traumática este desenvolveria psicopatologias, neuroses ou, até mesmo, psicopatias, isto devido à atuação de mecanismos repressores lançados no inconsciente e que vinham à tona ao consciente em forma de sintomas.

Podemos compreender perfeitamente

que leis físicas, como a da gravidade, possam ser analisadas através da perspectiva de causa-efeito, entretanto, quando tentamos direcionar esta mesma lei para o campo psíquico ou espiritual passa a existir uma certa incongruência, já que nem todos os relatos de experiências traumáticas, por exemplo, resultaram num dado desfecho fatídico para a vida de uma pessoa. Neste sentido, encontramos aquilo que Viktor Frankl denomina como “erro dimensional”<sup>4</sup>. Não podemos aplicar leis biológicas ao campo psicológico. Nem tampouco, leis bio-psíquicas ao campo espiritual do ser humano sem que haja sérias perdas na autêntica imago hominis.

O ser humano é essencialmente detentor de algo que Frankl define como Liberdade da Vontade. Esta, por ser constituinte da estrutura humana, está sim sujeita à lei de causa-efeito da sua estrutura psíquica, bem como das limitações psíquicas inerentes ao indivíduo – como, por exemplo, daqueles que sofrem alguma deficiência de origem mental – entretanto, por se tratar de uma realidade dimensionalmente superior, isto é, espiritual (noética), a Liberdade da Vontade ultrapassa tais limites que passam a apresentar-se ao sujeito apenas como “condicionamentos” e não como “determinações”.

A psicologia existencial-humanista de Viktor Frankl mostra que existe algo de “propriamente humano” nas atitudes livres do homem. Algo que ultrapassa até mesmo o clássico conceito de *Liberum Arbitrium*, constituindo-se como uma resposta única e

<sup>4</sup> Conceito proposto dentro da teoria da Ontologia Dimensional da antropologia logoterapêutica.

irrepetível diante da unicidade da pergunta existencial que se lhe impõe. O ser humano – através do conceito frankliano de intencionalidade – é capaz de ultrapassar o campo da mera escolha entre duas opções já que, respondendo criativamente, atua de maneira autêntica e totalmente nova diante do clamor da vida. E, tal atitude, para ele, constitui-se como liberdade da vontade.

Percebemos, portanto, que pela intencionalidade – elemento básico da liberdade e princípio que orienta para a significação das ações – o ser humano pode optar por ultrapassar a facticidade das situações através de uma consciência direcionada ao sentido e valores. Diante daquilo que não pode ser mudado o ser humano é livre para mudar-se a si mesmo e realizar valores.

O que proporciona ao homo sapiens a qualidade de pessoa não é a facticidade das circunstâncias vitais, isto é, aquilo que não pode ser mudado, como a herança genética, cultural, familiar, mas o que o torna persona é justamente a sua capacidade de auto-transcender-se nas ações que escolhe realizar.

Se a dimensão espiritual é aquela que constitui e proporciona o “selo de autenticidade” ao existir humano e a Liberdade da Vontade revela-se como expressão desta dimensão, podemos afirmar que esta categoria basilar da Logoterapia está ligada ao “poder-ser” do homem – enxergada tanto de maneira existencial quanto moral. Visto o ser humano desta maneira podemos garantir que o homem é um ser facultativo, sendo ele o protagonista no palco da vida (conforme a conotação grega da

palavra pessoa que se refere àquele “mascarado” que atua no palco da existência). A capacidade, portanto, que possibilita ao ser humano ultrapassar o fático, presente nas dimensões bio-psico-sociais, é a Liberdade da Vontade.

Obviamente, esse esforço humano de posicionar-se de maneira elevada diante do paralelismo bio-psíquico não acontece sem desgaste e luta, ou seja, sem um campo de tensão. Neste sentido, Viktor Frankl afirma que é diante desta “luta de forças”, isto é, dentro da dinâmica de oposição entre o bio-psíquico e o espiritual que se sucede o exercício desta liberdade já afirmada. O termo logoterapêutico para este campo de tensão é denominado “antagonismo psiconoético”, isto é, oposição entre o fático e o facultativo, na qual se evoca a “força de resistência do espírito”, conforme a terminologia de Frankl.

Este ser cuja vontade é livre deseja algo, já que, segundo Hannah Arendt, pelas palavras da professora Eloisa Miguez, “a vontade é considerada a faculdade do espírito capaz de mobilizar toda a existência humana” (Miguez, 2014, p. 29) em vista de algo. E, este algo que o ser humano deseja, em instância primária, é o logos, isto é, um sentido na vida.

Ao definirmos o ser humano como um ser que jamais carece de sua liberdade também afirmamos que o homem sempre atua no mundo, como um ser de responsabilidade. O animal homem não se move apenas através de instintos inconscientes, numa cadeia de ação e reação, mas é capaz de significar todo seu agir e marcar sua história com a atualização de possibilidades existenciais, dizendo um sim

enfático ao viver, em detrimento de um mero sobreviver.

O sentido se apresenta à nossa vontade como razão para a força motivadora e mobilizadora do agir humano que visa realizar valores, isto é, que não apenas sofre mas que faz do seu sofrimento um verdadeiro ato de heroísmo e bravura, já que traz à tona um pathos cuja dignidade humana não se perde em vista do instinto de sobrevivência, mas que se torna o exercício do “ser humano” em seu mais alto grau.

A ética utilitarista de Jeremy Bentham age conforme a máxima: “busca o prazer, fuge do sofrimento”. Como se agir desta maneira fosse realizar o existir do indivíduo. Buscar o prazer per si, segundo Frankl, não tem sentido algum, já que este deve ser apenas um efeito colateral de um autêntico encontro com o sentido. Posso esforçar-me também por isentarme de todo e qualquer sofrimento e, num estado de “nirvana”, entrar também num vácuo existencial.

O audacioso conceito frankliano de Vontade de Sentido afirma, portanto, que “cada homem é animado por uma aspiração e uma ânsia de sentido. Quando o sentido é satisfeito produz-se o encontro entre duas correspondências: um ‘componente interior’, formado precisamente por esta aspiração e ânsia humanas, e um ‘componente exterior’, que é a oferta de sentido da situação” (Lukas, 2004. p. 22). Portanto, para cada situação particular da vida há um sentido único e verdadeiro. Temos, pois, potencialmente, muitos futuros, mas somente um é aquele que encontra um eco

dentro de nós e que reconhecemos interiormente como sendo aquele diante do qual vale a pena arriscar tudo.

Chegamos, assim, ao conceito ao redor do qual gira a Logoterapia e Análise Existencial, isto é, o Sentido da Vida. Lukas afirma que este conceito evidencia que “a vida tem um sentido incondicional que não se perde diante de nenhuma circunstância” (LUKAS, 2004, p. 23). Aqui, percebe-se a crença logoterapêutica em valores universais e que subsistem independentemente da adesão pessoal ou não.

Diante de seu experimentum crucis, como definiu Frankl o período de sua vida em que passou nos Campos de Concentração, o fundador da Logoterapia pôde constatar empiricamente sua tese de que não há nenhuma situação na vida que careça de sentido, mesmo diante de um, aparentemente, “total sem sentido”, como foi a imposição nazista a regimes torturantes de milhões de pessoas.

O Campo de Concentração mostra ao ser humano que é preciso vislumbrar um sentido autêntico para que a vida valha a pena ser vivida e nos força a abandonarmos pseudo-sentidos que só se tornam propulsores de frustração existencial. Quando impomos condições à vida e não nos deixamos interpelar por ela, afirmando coisas tais como: “– Só serei feliz se... casar-me, ganhar dinheiro, tiver aquele emprego etc.”, corremos um sério risco de errar o alvo na via da realização do sentido. Todas estas aspirações podem acontecer ou não, por isso não podemos colocar o sentido da nossa vida aí.

O sentido é uma categoria transcendente e objetiva, mas que, por apresentar um caráter

também pessoal e singular, deve ser buscada através de um instrumental chamado “consciência”. Este instrumental, por ser um constituinte humano, jamais poderá dar ao homem a plena certeza acerca do sentido último da vida de cada indivíduo, mas é o mais alto aporte que ele detém na busca vital pelo sentido, conforme afirma Frankl: “se o homem quiser ser fiel à sua humanidade, deve obedecer, incondicionalmente, à própria consciência, ainda que saiba da possibilidade de erro. Eu diria que a possibilidade de errar não o dispensa da necessidade de tentar” (Frankl, 2011. p. 85).

A vida, para Frankl, é o terreno mais

fecundo das realizações humanas. Não é uma tragédia como alguns dos grandes mitos gregos, mas constitui-se como um solo que só pode tornar-se glorioso se pisado pelo homem que busca conscientemente o sentido último de sua vida, agindo em conformidade com valores. Estes, unidos à disposição humana de auto transcender-se são capazes de transformar o sujeito na única pessoa do mundo que tem o dever moral de tornar-se um herói, ele mesmo. Somente assim, neste limiar entre a psicologia e a filosofia, podemos afirmar que está resgatada e evocada, na existência singular de cada pessoa, a verdadeira imago hominis.

## REFERÊNCIAS

- Aristóteles, *Ética a Nicômaco*, 1114a.
- Bíblia. Português (2002). *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2002.
- Chesterton, G. K. (2013). *O que há de errado com o mundo*. Tradução Luíza Monteiro de Castro Silva Dutra. Campinas: Ecclesiae.
- Frankl, V. (2011) *A vontade de sentido: fundamentos e aplicações da Logoterapia*. Tradução Ivo Studart Pereira. São Paulo: Paulus.
- Frankl, V. (2003). *Psicoterapia e sentido da vida: fundamentos da Logoterapia e análise existencial*. Tradução Alípio Maia de Castro. 4. ed.. São Paulo: Quadrante.
- Hawking, S. W. (2015). *Uma breve história do tempo*. Tradução Cássio de Arantes Leite. Rio de Janeiro: Intrínseca.
- Heidegger, M. (2008). *Introdução à filosofia*. São Paulo: Martins Fontes, 2008.
- Heidegger, M. (1999). *Ser e Tempo*, 8. ed. Petrópolis: Vozes.
- Hesíodo (1996). *Os trabalhos e os dias*. Tradução de Mary de Camargo Neves Lafer. São Paulo: Iluminuras.
- Jonas, H. (2004). *O princípio vida: fundamentos para uma biologia filosófica*, Tradução Carlos Almeida Pereira. Petrópolis: Vozes.
- Lukas, E. (2004). *Logoterapia: la búsqueda de sentido*, (Trad. H. Piquer). Buenos Aires: Paidós.
- Miguez, E. M. (2014) *Educação em busca de sentido: pedagogia inspirada em Viktor Frankl*. São Paulo: Paulus.
- Newton, I. (1979). *Princípios matemáticos: óptica, o peso e o equilíbrio dos fluídos*, (Trad. de C. L. Matos, P. R. Mariconda e L. J. Baraúna). São Paulo: Abril Cultural.

Platão, República, VII, 514a-517c.

Scheler, M. (2003). El puesto del hombre em el cosmos, (Traduc. J. Gaos). Buenos Aires: Biblioteca de Obras Maestras del Pensamiento, 2003.

Enviado em: 29/07/2015

Aceito em: 30/10/2015

## **SOBRE A AUTORA**

**Thiago Pereira Domingos.** Possui graduação em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011) e especialização em Logoterapia e Análise Existencial pela Faculdade Sedac (2015).